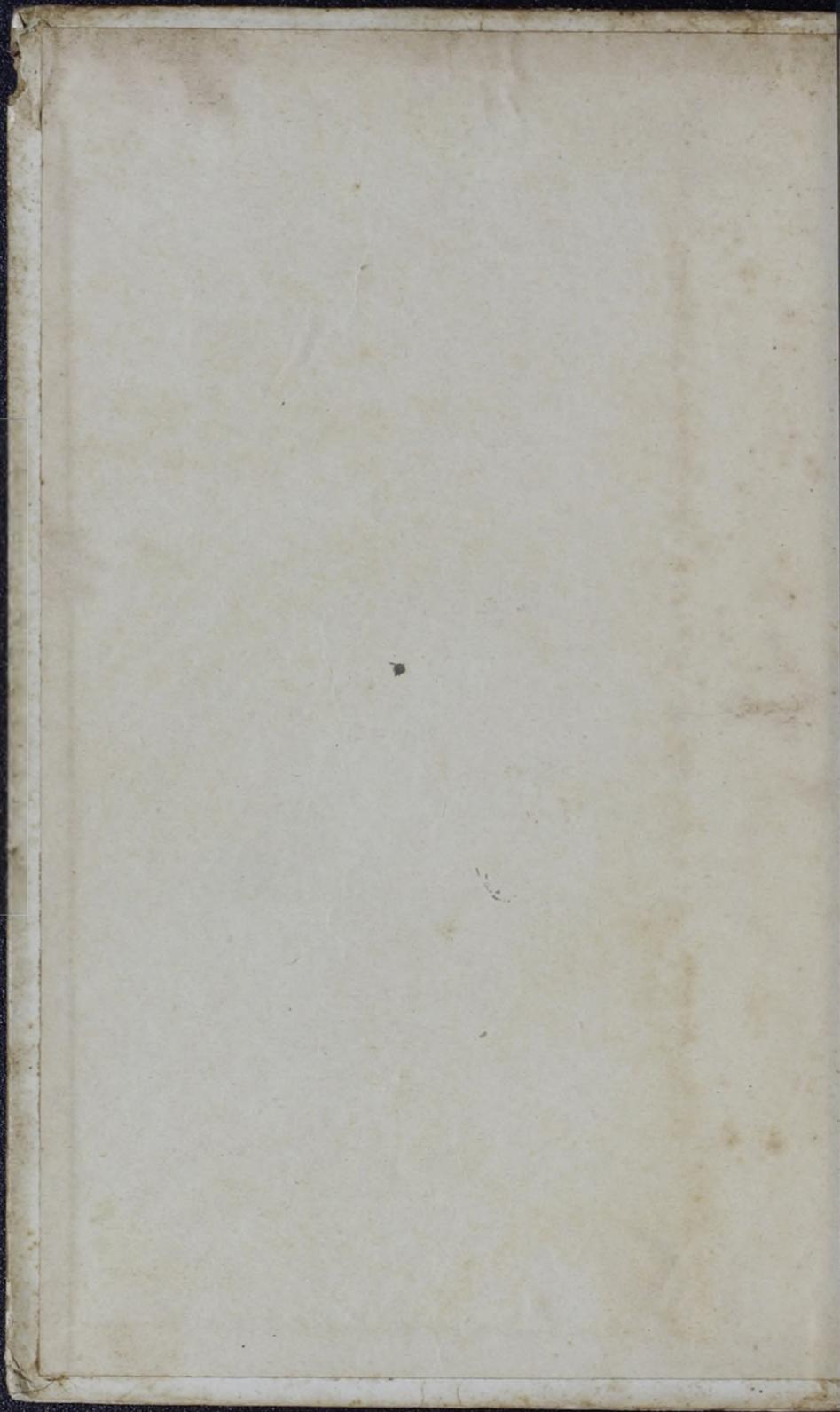


Eugenio de Castro

SAUDADES
do
CÉO



Origenes Lessa
13.1.24

Saudades do Céu

OBRAS DE EUGENIO DE CASTRO

POESIA

OARISTOS (1890) Esg.	I vol.
HORAS (1891) Esg.	I vol.
SYLVA (1894)	I vol.
INTERLUNIO (1894)	I vol.
TIRESIAS (1895) Esg.	I folh
SAGRAMOR (1895)	I vol.
SALOMÉ E OUTROS POEMAS (1896)	I vol.
A NEREIDE DE HARLEM (1896)	I folh.
O REI GALAOR (1897)	I vol.
DEPOIS DA CEIFA (<i>no prelo</i>)	I vol.

PROSA

BELKISS (1894)	I vol.
--------------------------	--------

TRADUÇÕES

BELKISS, traduzione italiana di V. Pica (Milano, Fratelli Treves, 1896)	I vol
BELKISS, traduction française par Ph. Lebesgue (sous presse)	I vol
BELKISS, traducción española por D. Luis Berisso (Buenos Aires, J. A. Kern, 1897)	I vol.

EUGENIO DE CASTRO

Saudades do Céu

POEMA

LVMEN



LIVRARIA LEALDADE



ALVARO S.A JORGE
RUA S. BENTO N. 61
S. PAULO

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORÍGENES LESSA"

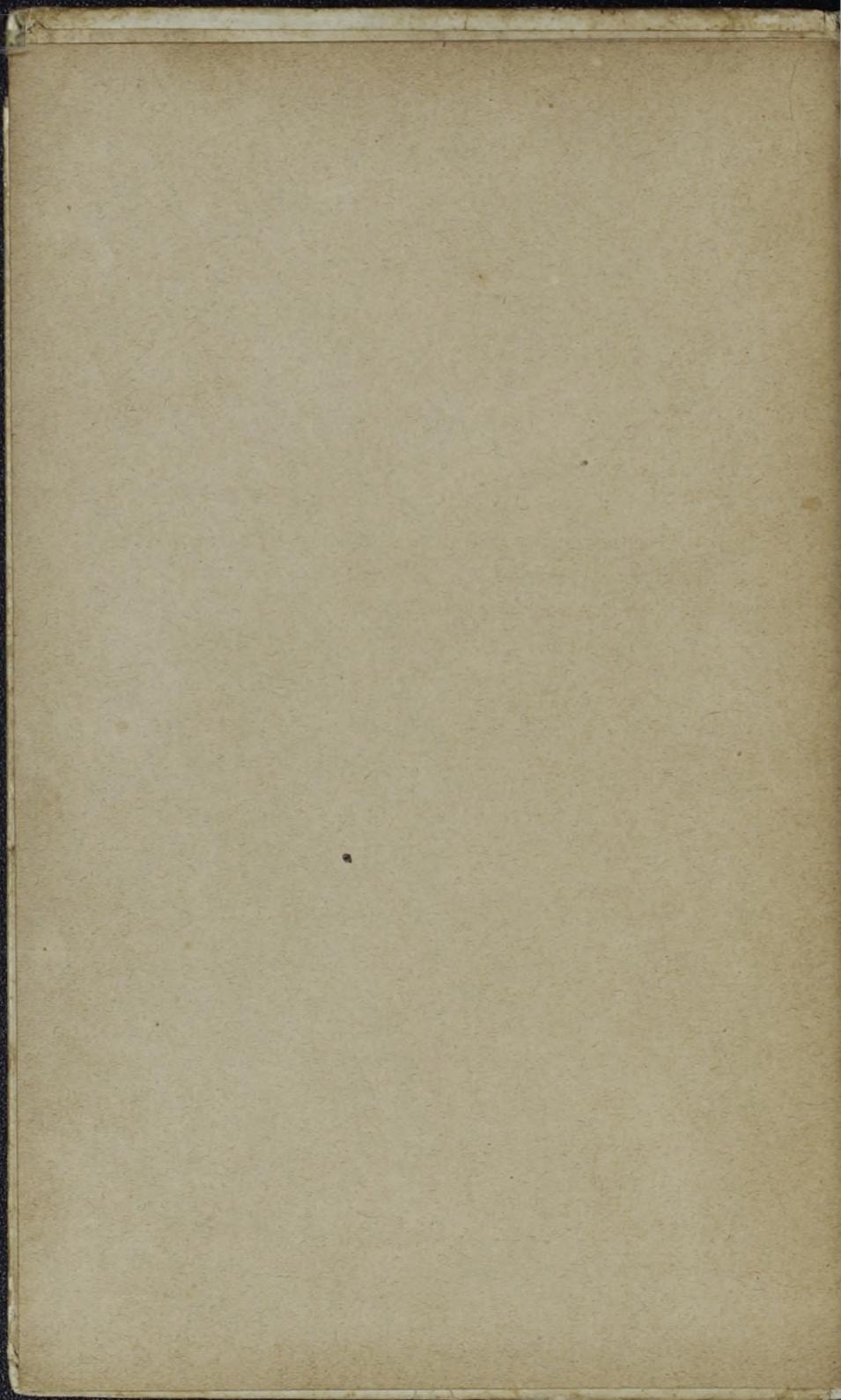
Tombo N.º _____

COIMBRA

F. FRANÇA AMADO — EDITOR

1899

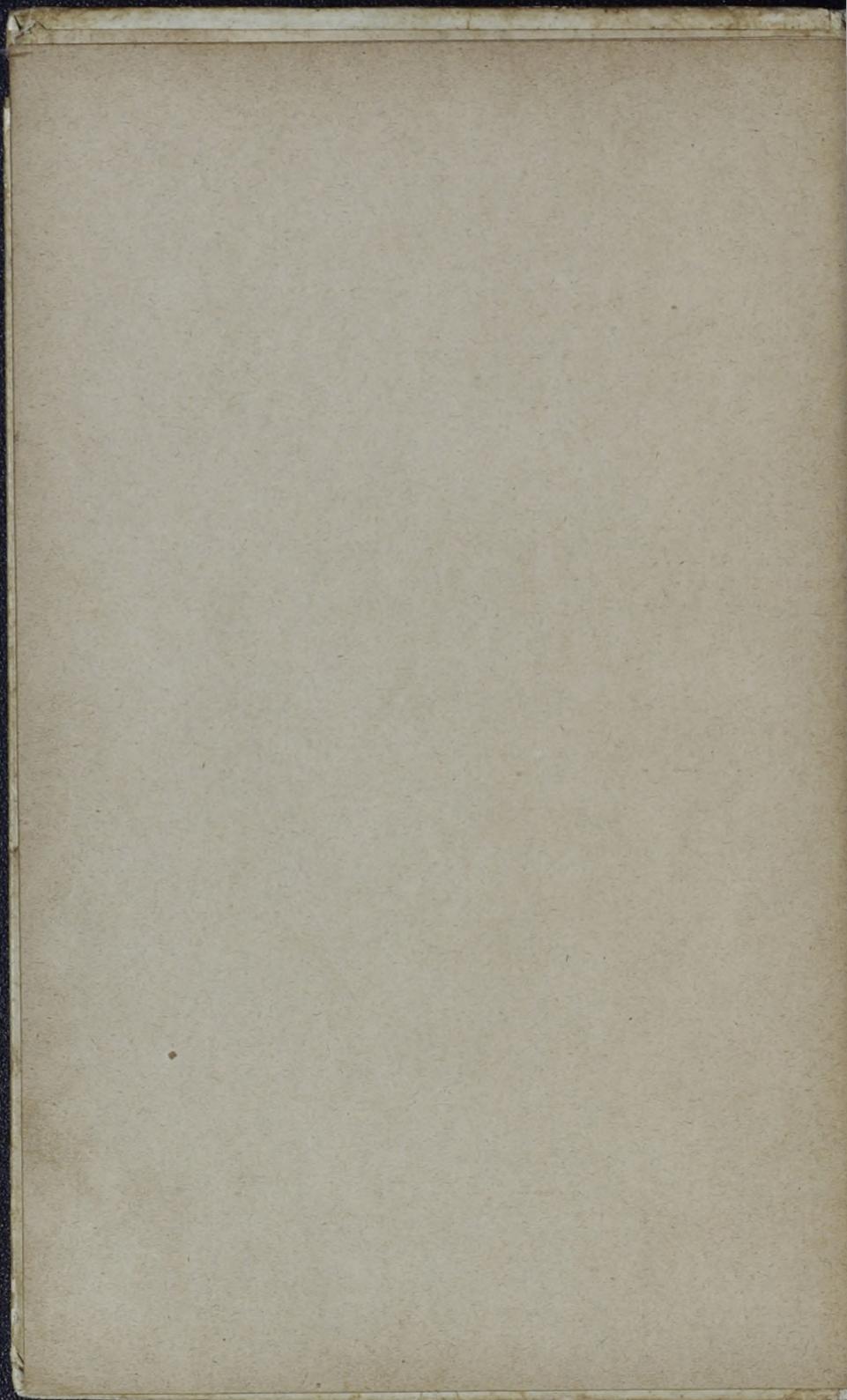
BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORÍGENES LESSA"
Lencóis Paulista - SP



D'esta edição fez-se uma tiragem especial de doze
exemplares numerados e rubricados pelo auctor.

N.º 1 e 2 em papel Whatman

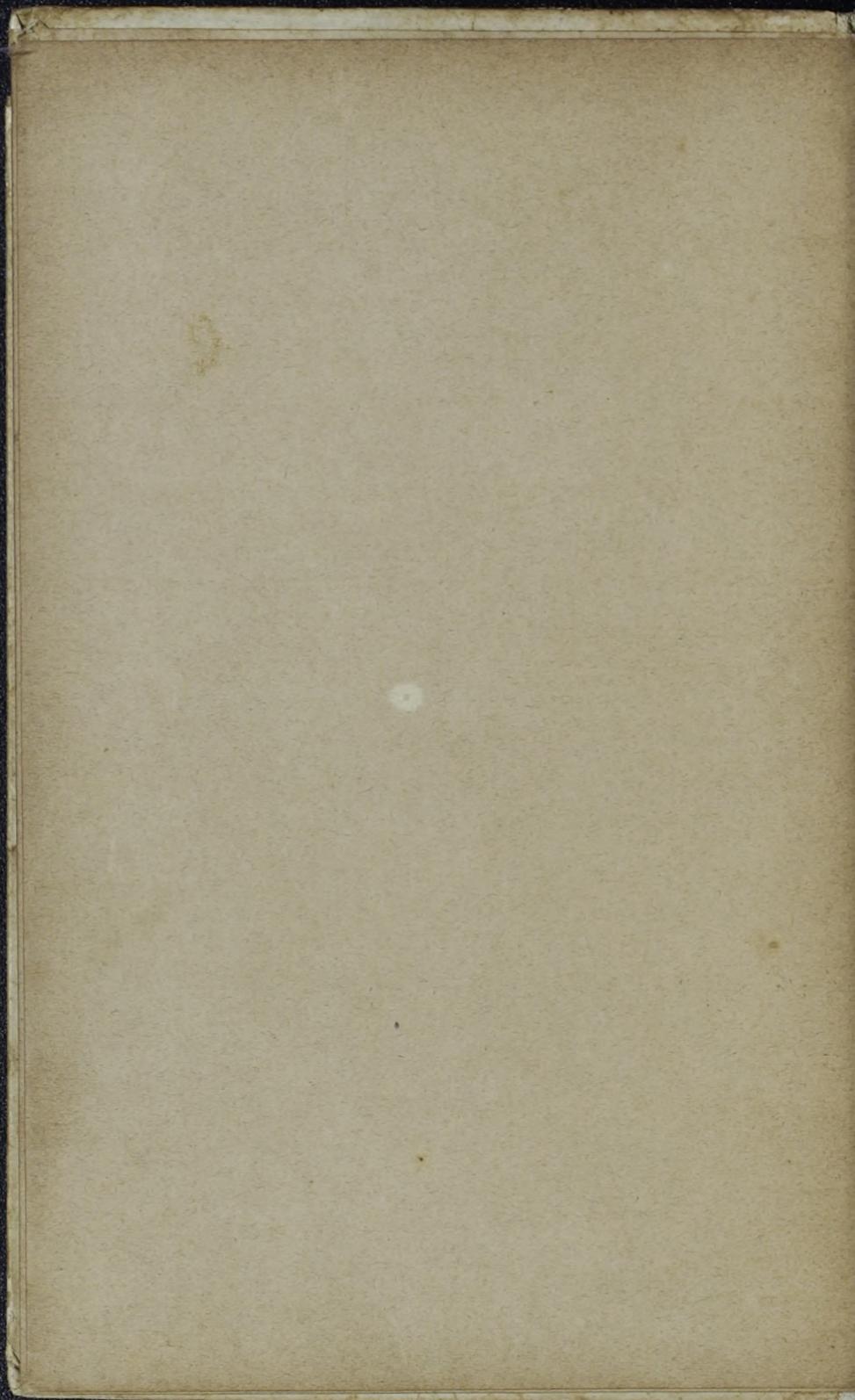
» 3 a 12 em papel de linho, portuguez.



TO MY FRIEND
LAUNCELOT CRANMER-BYNG

THIS POEM IS DEDICATED

E. DE C.





N'um d'esses orientaes descampados de pedra,
Onde, ao vermelho sol, nem mesmo um cardo medra,
Nem o musgo avelluda os rapidos pendores,
Ha longos dias já que os nomades pastores,
Bronzeados, semi-nus, ao vento morno esparsas
As melenas hostis e sêccas como sarças,
Vão procurando embalde uma pastagem verde...

Sinistros, cada um em apprehensões se perde...
Quasi tocam no chão co'as fronte taciturnas,
E os seus olhos fataes são reconditas urnas,

Onde brigam leões n'uma noite de raios;
Dá-lhes a sede cruel tonturas e desmaios,
Acutila-os o sol em candente saraiva...
As mulheres, uivando e torcendo com raiva
Os seus braços de cobre, arrancam lastimosas
Os cabellos, onde ha cadaveres de rosas,
E escabujam no chão, famintas, descompostas...
Cahindo de fadiga, as mães levam ás costas,
Em saccólas de pell' d'onagro, os filhos nús,
Que, açoitados p'la fome e mordidos pela luz,
Desfallecendo em vãos e pallidos gemidos,
Mammam nos dedos já de todo resequidos...
Esfaimadas, sem tino, as furibundas rezes
Farejam cada pedra, e, sequiosas, por vezes,
Arremessam-se, ás dez e ás doze, de roldão,
Aos abysmos sem fim onde ruge um cachão...
O sol dardeja fogo... A poeira empasta as boccas...
E p'las ravinas vão reboando, como loucas,
As palavras febris, que, em troante escarceo,
O velho Patriarcha atira para o Céu!

.....

Mas eis que, ao desbotar d'esse dia abrazado,
Apparece afinal um verdejante prado,

Onde, como n'um mar de calmas transparencias,
Cada amendoeira, rindo em claras florescencias,
Faz parecer, de longe, um dorso de mulher
Que estivesse a banhar-se ali, ao entardecer . . .

Mil gritos de alegria encruzam-se altaneiros !

Os camelos, os bois e os lanzudos carneiros,
Em célere fugir, que a mais e mais se exalta,
Mergulham n'esse mar d'herva tenra e tão alta
Que os faz desappar'cer, n'esse mar socegado
Ainda ha um instante, como um estôfo retesado,
Mas que agora se agita em grandes vagalhões,
Como um tragico mar onde rompem vulcões,
E aonde, produzindo infernaes redemoinhos,
Andam a batalhar dez mil monstros marinhos !

A' voz do Patriarcha, os pegureiros brancos,
Ageis e collossaes, cortam robustos troncos
Com que elevam depois uma fila de tendas.
E as virgens, caminhando em balsamicas sendas,
E acordando, a cantar, aquelles virgens echos,

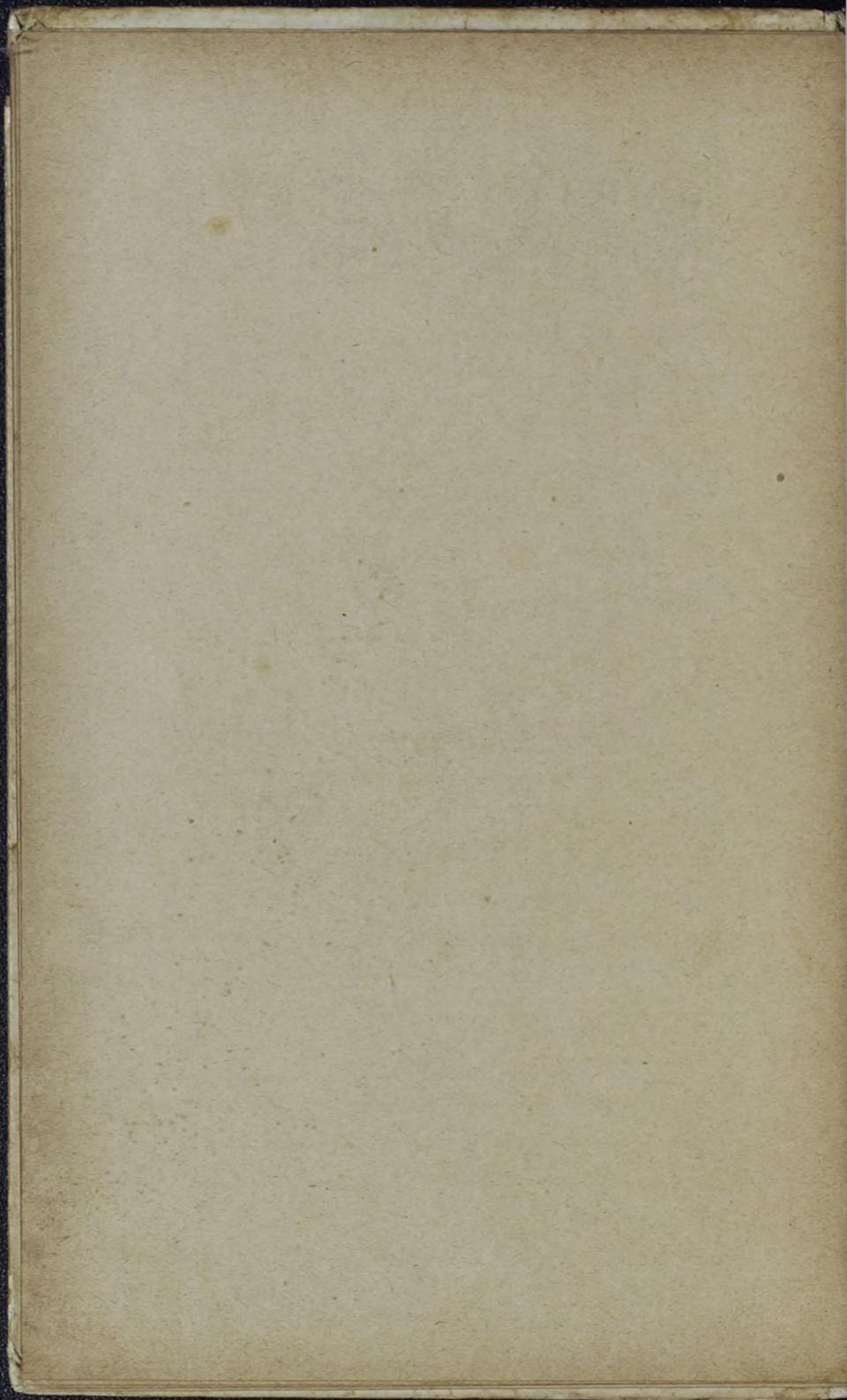
Sempre a bailar e a rir, enchem os odres seccos
Na prata musical dos ribeiros pasmados,
E colhem lindas flor's e fructos tão doirados,
Que as arvores, que os dão, graciosas quaes donzellas,
São n'essa tarde azul quaes arvores d'estrellas...



II

Videntes filii Dei filias hominum
quod essent pulchræ, acceperunt sibi
uxores ex omnibus quas elegerant.

GENESIS, Cap. VI, v. 2.





Altas horas da noite, as moças perturbadas,
Ouvindo um extranho som de violas encantadas,
Vendo pelos rasgões das pell's, que estão cobrindo
As tendas, uma luz de prodigio, e sentindo
Um aroma celestial de inconcebiveis flores,
Erguem-se de mansinho, a palpitar d'amores,
E cada uma sae da sua tenda, núa...

Maravilha sem par !

A pequenina lua,
Que cabia n'um poço, alargou-se, cresceu,
Encurvou-se, e eil-a agora a forrar todo o céu !

Ah ! que brilho divino o céo glorioso tem !

Mas olhae, mas olhae : vêde os Anjos além !
Vêde-os : que resplendor ! E descem ! Contemplae-os :
Os seus olhos, que são flor's com luz, lançam raios,
Que são luz com aroma, e o adejar puro e leve
Das suas azas é como um florir de neve !
Vêde-os ! vêde-os descer do céo de prata ardente,
Mancebos a sorrir effeminadamente,
Como fructos ideaes da paixão assombrosa
Com que um cysne adorou uma donzella airosa,
Que antes de ser mulher fosse lirio de gelo !
Vêde-os ! vêde-os descer com astros no cabello,
Loiros, insexuaes e pallidos, vestidos
Com leves fumos d'oiro . . .

Uns arrancam gemidos

A's violas de crystal ; outros trazem redomas ;
D'onde sobem no ar transcendentés aromas ;
D'outros as fluidas mãos, femininas, inquietas,
Perseguem com ardor doiradas borboletas,
— Borboletas de mica atraz de estrellas d'oiro . . .

No brilho excepcional do ar affagante e loiro,
Suas vozes d'arminho enlaçam-se cheirosas
Como brisas d'outomno em canteiros de rosas...
E assim, descendo sempre em balanços de vaga,
Chega o cortejo á terra e n'ella se propaga
Com passos tão subtis, que as frageis margaridas
Depois que as calca um pé ficam de novo erguidas...

Vendo nuas ali as morenas donzellas,
Os filhos do Senhor vão logo ter com ellas,
E perdidos d'amor, com desmaios na voz
E deliquios no olhar, cada um parte veloz,
Gracioso, arrebatando a sua linda eleita,
Com quem, doido, feliz e trémulo, se deita
Em tapetes de flor's, á sombra azul dos ramos...

.....
.....
.....
.....

Quando a manhã surgiu com seus aureos recamos,

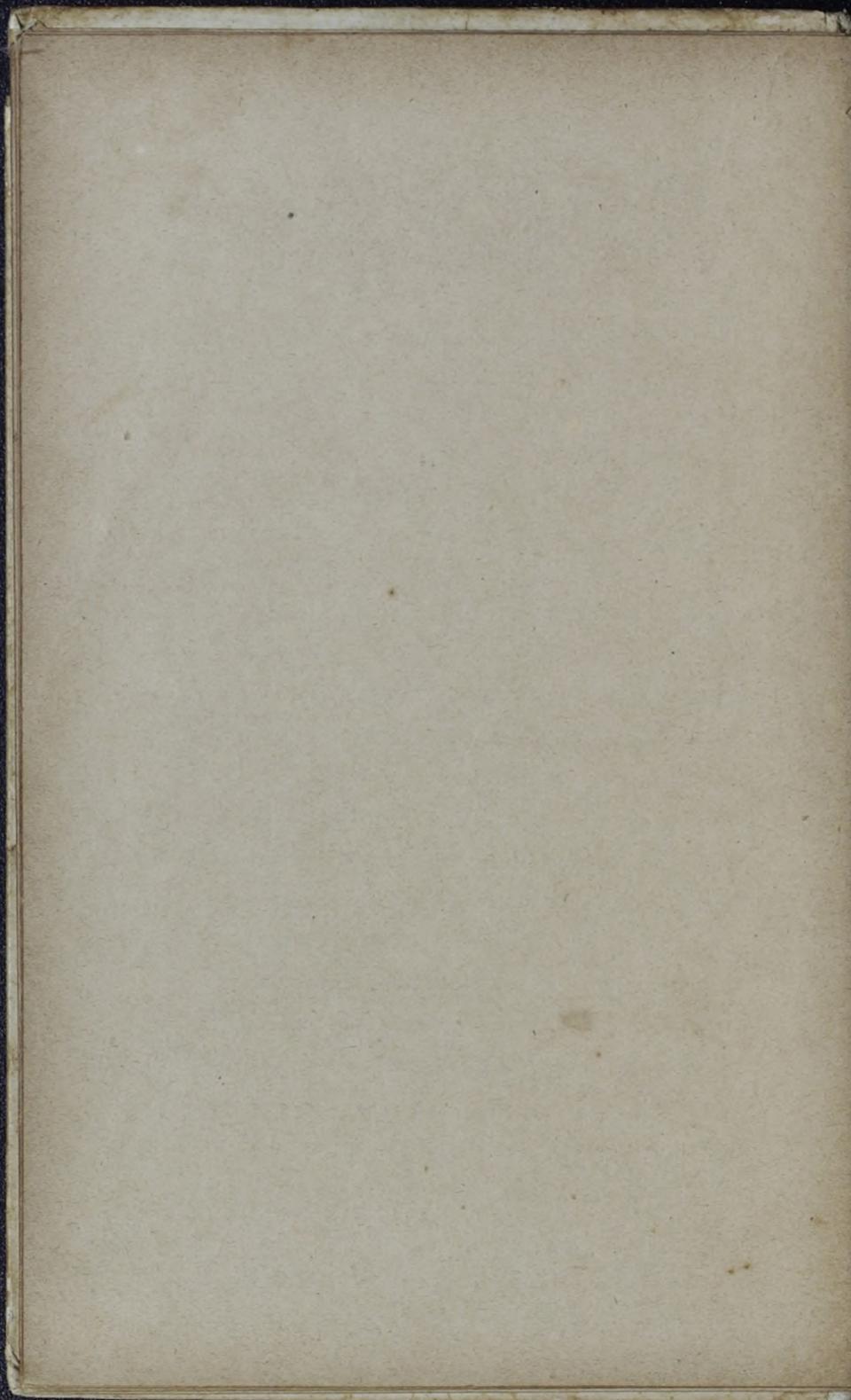
Quando os Anjos líriaes, namorados crueis,
Haviam regressado aos divinos vergeis
E as filhas dos mortaes gemiam assombradas
Por não se verem já aos noivos abraçadas,
Quando os visos, ao sol, se iam já aloirando :
— O velho Patriarcha, erguendo-se, espriando
O fatigado olhar, e avistando as serenas
Campinas matinaes cobertas pelas pennas,
Que o amor tinha arrancado á prateada innocência
Das azas virginaes dos anjos em demencia,
Quedo e anguloso qual agulha de basalto,
Ficou mudo, a pensar . . . e emfim clamou bem alto :
« *Como foi? como foi, poderoso Senhor,*
« *Que caiu tanta neve havendo tal calor? »*



III

Gigantes autem erant super terram in diebus illis; postquam enim ingressi sunt filii Dei ad filias hominum, illæque genuerunt, isti sunt potentes à sæculo viri famosi.

GENESIS, Cap. VI, v. 4.





Da voluptuosa união dos Principes do Céu
Co'as pastoras mortaes, uma raça nasceu
De esforçados heroes, gigantes e suaves,
Fortes como os tufões e ingenuos como as aves,
Lindos como seus paes e ageis como os reptis...
Porém, emquanto, junto aos nomades redis,
Os netos de Jabel, pegureiros tostados,
Sonham sonhos de paz nas tendas abrigados,
Acham que a vida é boa e descantam contentes ;
Emquanto de Jubal os mansos descendentes,
Doces orgãos tangendo e cytharas maviosas,
Julgam atravessar frescas moitas de rosas
Muito embora seus pés calquem areaes adustos ;

Emquanto, finalmente, incansaveis, robustos,
Os netos de Tubalcaïn, brandindo o malho,
Gosos, deleites mil encontram no trabalho,
Que executam da forja aos arruivados brilhos :
Dos Principes do Céo os nostalgicos filhos
Olham o curvo azul cheios de soffrimento . . .

A's horas da poesia e do recolhimento,
Quando do sol defuncto a purpura esmaiece,
E de cada estrellinha um raio d'oiro desce,
Que nas almas se prende e as eleva depois,
Entre o halito das flor's e a voz dos rouxinoes,
Entre as caricias do ar pacifico e oloroso,
Onde o luar parece um fumo luminoso
Coado por serena e pallida saphira ;
N'essas horas de aneio em que tudo suspira
N'uma ancia d'amor angustiado, immenso,
E dos lagos o leve e lunatico incenso
Sobrenaturalisa os quietos arvoredos ;
Quando se ouve crescer o musgo nos rochedos,
Quando se ouve o subir da seiva, e á flor dos campos
Estrellejam aos mil, os finos pyrillampos,
Gottas d'oiro que são as lagrimas rogaes
Que as estrellas com dó vertem pelos mortaes ;

Da raça angelical as tristes vozes d'ouro
Alçam-se ao puro azul em arquejante côro,
Que, dorido, commove as folhas e as areias :

« Piedade, Anjos do Céu ! Em nossas pobres veias,
« Onde, de hora em hora, o fogo atroç augmenta,
« O vosso sangue trava uma luta violenta
« Com o sangue de nossas mães, que amastes tanto !
« Ai de nós ! ai de nós, Anjos do Céu !

« Enquanto

« Nos prendem estes pés ao rude e odiado chão,
« Nossas almas seguindo, os nossos olhos vão,
« Sequiosos de esplendor e de imprevisito, á cata
« Dos celestes jardins, onde as fontes de prata
« Embalam, como irmãs, vossos sonhos floridos !

« Olhando o claro Céu com olhos doloridos,
« Olhos que balam como as transviadas rezes,
« Buscando a vossa patria, ó Anjos, quantas vezes
« Temos caído já nos mais fundos abysmos !
« Debalde qu'rendo voar, em doidos paroxismos,
« A nossa alma chora, implora, ruge e clama :
« Ai ! a terra nos prende enquanto o azul nos chama !

« Ai de nós ! Ai de nós ! Desterrados errantes,
« Somos como o infeliz que dois toiros possantes
« Puxam iradamente em direcções contrarias !

« Vendo as nuvens cobrindo as serras solitarias
« Onde o silencio e a neve estão noivando ha muito,
« Subimos até lá no tresloucado intuito
« De lobrigar de ali a vossa patria enfim,
« Seus muros de topazio e portas de marfim,
« De ouvir a vossa voz e haurir vossos perfumes . . .
« Mas lá de cima, lá d'esses nevados cumes,
« Par'ceu-nos, ai de nós ! par'ceu nos que augmentára
« A distancia cruel que de vós nos separa !
« Não augmentára, não ! porém n'aquelles ermos,
« Diminuiu a fé de a vossa patria vemos !
« A fé diminuiu . . . mas a terrivel ancia
« De transpor, de vencer a invencivel distancia,
« Cada vez nos agita e nos tortura mais !
« Sabemos, ai de nós ! sabemos que jamais
« Havemos de chegar ao Céu, e apesar d'isso,
« Tentamos realisar o desejo insubmisso,
« Choramos por de prompto o não ver realisado,
« Tornamos a teimar com esforço redobrado,
« E a nossa alma chora em triste desatino,

« Como chora e soluça o tímido menino
« Que não póde colher co'a mãosinha estendida
« A estrella d'aurea luz no lago reflectida,
« Aonde se reparte em turbulentos brilhos . . .

« O' Anjos, tende dó dos vossos pobres filhos ! »

Apaga-se no ar a desvairada prece . . .
Mas o vasto jardim dos astros permanece
N'um silencio cruel onde, de instante a instante,
D'um relampago passa o clarão latejante,
Como se o alto céo fosse um mar atravez
De cujas agoas, com enorme rapidez,
Por vezes transluzisse o fundo d'oiro ardente . . .

A's noitadas febris succedem tristemente
Dias de tedio amargo . . .

E a desditosa raça,
Para a qual, no seu horto, o genio da Desgraça
Reserva attentamente os mais azedos fructos,
Sempre postos no céo os olhos nunca enxutos,
Dos seus prantos com o sal queima os verdes relvados . . .

Elles que eram gentis, soberbos e esforçados,
Que esganavam leões e pantheras ciosas,
Passam agora — negras sombras lastimosas ! —
Todos cheios de cans, tremulos, pensativos,
E com tal pallidez que nem parecem vivos !
E quando algum, vencido enfim pelos cansaços
E ainda mais pela dor, ouve os macios passos
Da Morte sororal, que entre as brumas se avista,
E sente, com pavor, tão fraca a sua vista
Que já não póde erguel-a ao céo brilhante e frio,
Pede então que o vão pôr ao pé d'um manso rio,
E ahí, as nuvens vendo e as estrellas na agoa,
Mudo, expira afinal com a indizível magoa
Com que Moysés, mais tarde, em manhã dolorida
A's portas expirou da Terra-Promettida !



IV

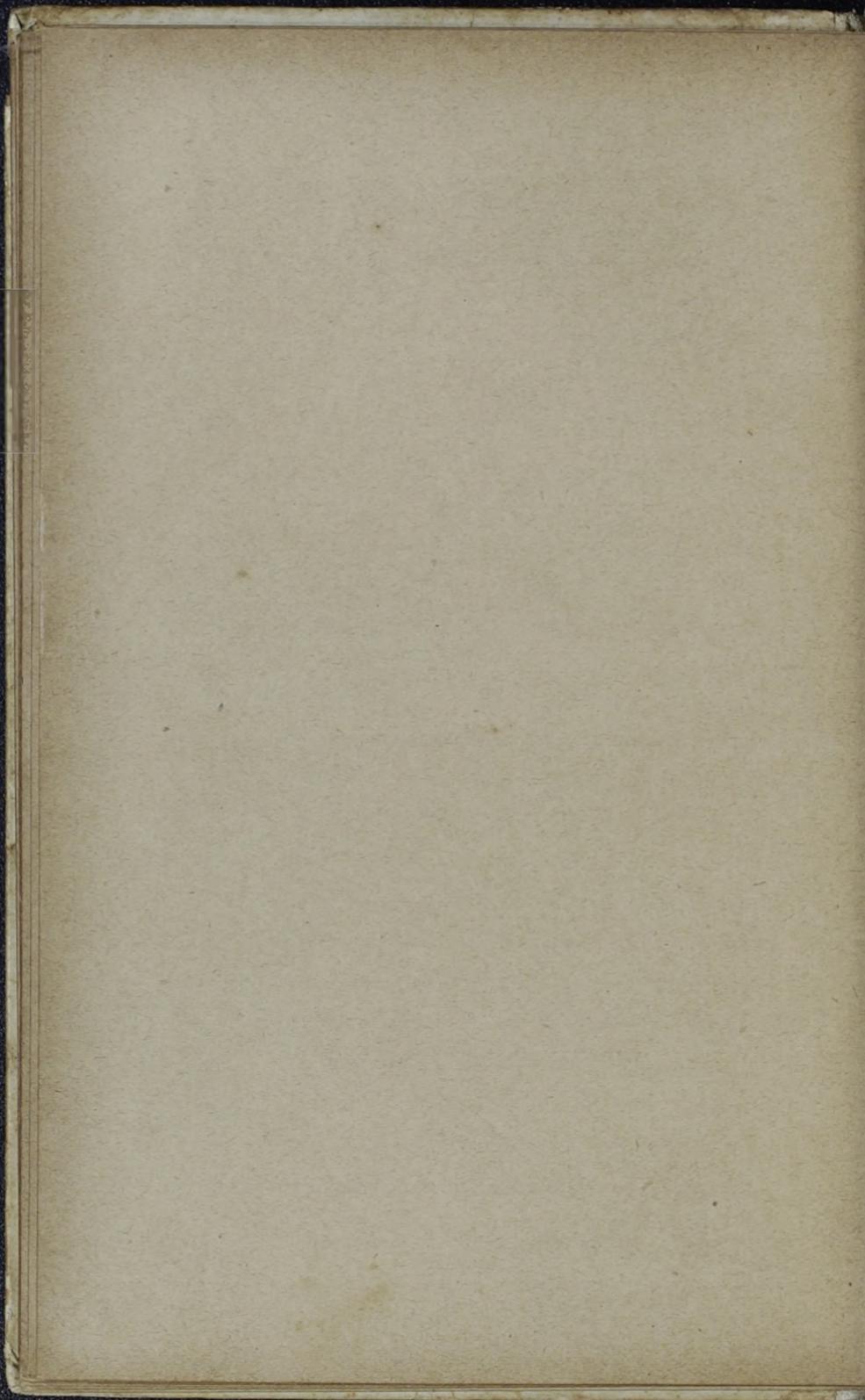
5. Videns autem Deus quod multa malitia hominum esset in terra, & a cuncta cogitatio cordis intenta esset ad malum omni tempore,

6. Pœnituit eum quod hominem fecisset in terra. Et tactus dolore cordis intrinsecus,

7. Delebo, inquit, hominem, quem creavi, à facie terræ, ab homine usque ad animantia, à reptili usque ad volucres cæli; pœnitet enim me fecisse eos,

8. Noe vero invenit gratiam coram Domino

GENESIS, Cap. VI.





A' proporção que a esp'rança azul de entrar no Céu,
Como ave que no peito um dardo recebeu,
Do impenetravel Céu vinha a cair, exangue,
Co'as plumas virginaes todas tintas de sangue,
A triste geração dos Anjos namorados
Ia buscando em vão nos montes e nos prados,
Nos rios e no mar, um efficaz remedio
Contra o frio soffrer em que a abatera o tedio.
Debalde aquella raça abraçava co'a vista
Oceanos musicaes de purpura e amethysta,
Ilhas cheias de luz, que eram ramos de flores,
Florestas que, ao luar, se enchiam de esplendores,

Cavernas onde o mar acachoaava com ira,
E, ao romper da manhã, montanhas de saphira
Com bosques de esmeralda e cristas de diamante . . .
Das bellezas da terra o irradiar constante
Não lograva prender, nem sequer distraía
Essa raça infeliz a quem tudo par'cia
Monotono, esmaiado e triste, — tão presente
Tinha nos olhos seus a gloria refulgente
Das paisagens do Céu em sonho contempladas . . .

Mas alguém, dormitando á sombra das ramadas
Sob as quaes do Phison as agoas crystallinas
Riam n'um leito astral d'oiro e de cornalinas,
Ouvindo o soluçar d'aquelles desditosos,
Bradou-lhes :

« Enchugae os olhos lacrymosos !

« Vinde a mim ! vinde a mim, se delibar quereis

« O philtro que dissipa as magoas mais crueis,

« O precioso licor que tudo inflora e doira,

« Que torna o pezar negro em madrugada loira,

« As serpentes do tedio em lucidas grinaldas,

« E que dos tristes beija as frigidias espaldas

« Qual manto embalador feito de virgens labios !

« Vinde beber se qu'reis ser ditosos e sabios !

« Loucos, vinde !

« Atravez d'este vinho sem par

« De prompto enxergareis um paiz singular,
« Que a cada instante muda e mais bello se torna,
« Aonde cada hora, ao fallecer, adorna
« O azul com mais um astro ardente e multicolor,
« E os sonoros jardins com uma nova flor,
« Paiz de seducção e de crescente encanto,
« Ao pé do qual o Céu que appetecieis tanto,
« O' chorosos mortaes ! não é mais que uma sêcca,
« Interminavel, triste e misera charneca !

« Este vinho bebei !

« Mal o beberdes, logo

« Sentireis do prazer o aromatico fogo,
« Prostrando-vos de manso em extasis risonhos !
« Vossa alma viverá os mais divinos sonhos,
« Vossos olhos verão só claridade e fausto,
« E parecer-vos-á que o vosso corpo exhausto,

« *Refrescado ao voar de roseas borboletas,*
« *Descança n'um colchão de cheirosas violetas*
« *Que fluctua n'um mar de somnolentas ondas !*

« *Bebei ! e sahireis das florestas hediondas*
« *Onde o tédio vos prende e vos c'roa de espinhos !*
« *Bebei ! e avistareis balsamicos caminhos,*
« *Onde, de passo a passo, a espreitar p'las roseiras,*
« *As filhas do Prazer sorriem lisongeiras,*
« *Allicientes, gentis, prodigas de caricias !*

« *Bebei ! e sabereis que infinitas delicias*
« *A luxuria contém ! como o incesto é gostoso,*
« *Como o estupro vos guinda aos pinaros do goso !*

« *Bebei ! e este licor ha de dizer-vos como*
« *A vingança é um vermelho e sumarento pomo,*
« *Como é bom morder n'elle, e apunhalar cem vezes*
« *Quem já nos beliscou !*

« *Bebei ! são d'ouro as fezes*

« D'este vinho de luz, que vos dirá também
« Que deleites sem fim uma traição contém,
« E como é bom lançar a um fundo abysmo hiante,
« O homem que ao pé de nós seguia confiante,
« E cujo respirar nos lançaria ao chão !

« Bebei ! e sabereis que doce excitação
« Nos sacode, como um voluptuoso açoite,
« Quando vamos roubar, pé ante pé, de noite,
« O oiro, os anhos e o mel do visinho que dorme !

« Bebei ! e sabereis como é intenso, enorme
« O regalo de urdir contra um amigo ausente
« Uma calumnia atroç !

« Bebei ! e, de repente,
« Ficareis a saber como enaltece e exalta
« Os fracos opprimir e construir bem alta
« Sobre a sua fraqueza a nossa força dura !

« Bebei ! e provareis volupias com fartura !

« Bebei ! e em vossa frente agora tão sombria
« Breve succederão as rosas da alegria,
« Do vosso desespero aos macilentos laivos !

« Bebei ! Bebei ! Bebei ! Bebei ! Embebedai-vos ! »

Doiradas pela esp'rança as fronte's taciturnas,
Todos correm então para as brilhantes urnas
Onde fulge o licor . . .

Era ao cahir do sol . . .

E quando, p'la manhã, o triste rouxinol,
No virido chorão envolto em brumas cerulas,
Terminou com angustia o seu cantar de perolas,
Que fez chorar as flor's, cujas lagrymas finas
Lhes bordavam ainda as palpebras franzinas,
Iam tintos de sangue os rios e os ribeiros . . .
Passavam, a clamar, furiosos pegureiros,
Procurando o ladrão que as rezes lhes roubara ;
Moças d'olhos azues, de tez mimosa e clara,
Carpíam-se, a tremer, vendo-se desfloradas ;

Aos soluços e aos ais, em loucas debandadas,
As viúvas côm do luar iam buscando em vão
Seus maridos gentis vencidos á traição ;
A calúnia, a tecer, qual peçonhenta aranha
Criava duellos mil de furibunda sanha ;
Cheios de cio, os paes, em lascivos anceios
Das filhas virginaes profanavam os seios ;
E nuas, sem pudor, do sol aos flavos brilhos,
Voluptuosas, as mães iam tentar seus filhos !

A raça angelical, na ebriedade incendiada
D'aquellas preversões, rapidamente olvida
O cubiçado céo, e com tal força exprime
O enervante sabor dos vicios e do crime,
Das tenebrosas flor's do seu viver presente,
Que as outras raças que viviam mansamente,
Das hervas e metaes na completa innocencia,
Atiram-se tambem, tomadas de demencia,
Ao escuro torvelim das Abominações !

.....
.....
.....
.....
.....

.....
.....
.....

As estrellas no azul parecem corações
Trespassados; o sol afasta-se dos céos
Para não se espelhar em mar's de sangue... E Deus,
Arrependido emfim de haver creado o homem,
Deixa que as paternaes angustias, que o consomem
Morrãam ás fortes mãos da colera, que o irrita,
E depois de avisar Noé, alma bemdita,
Com raios acutila as nuvens altaneiras
D'onde a chuva golfeja em sinistras cachoeiras.

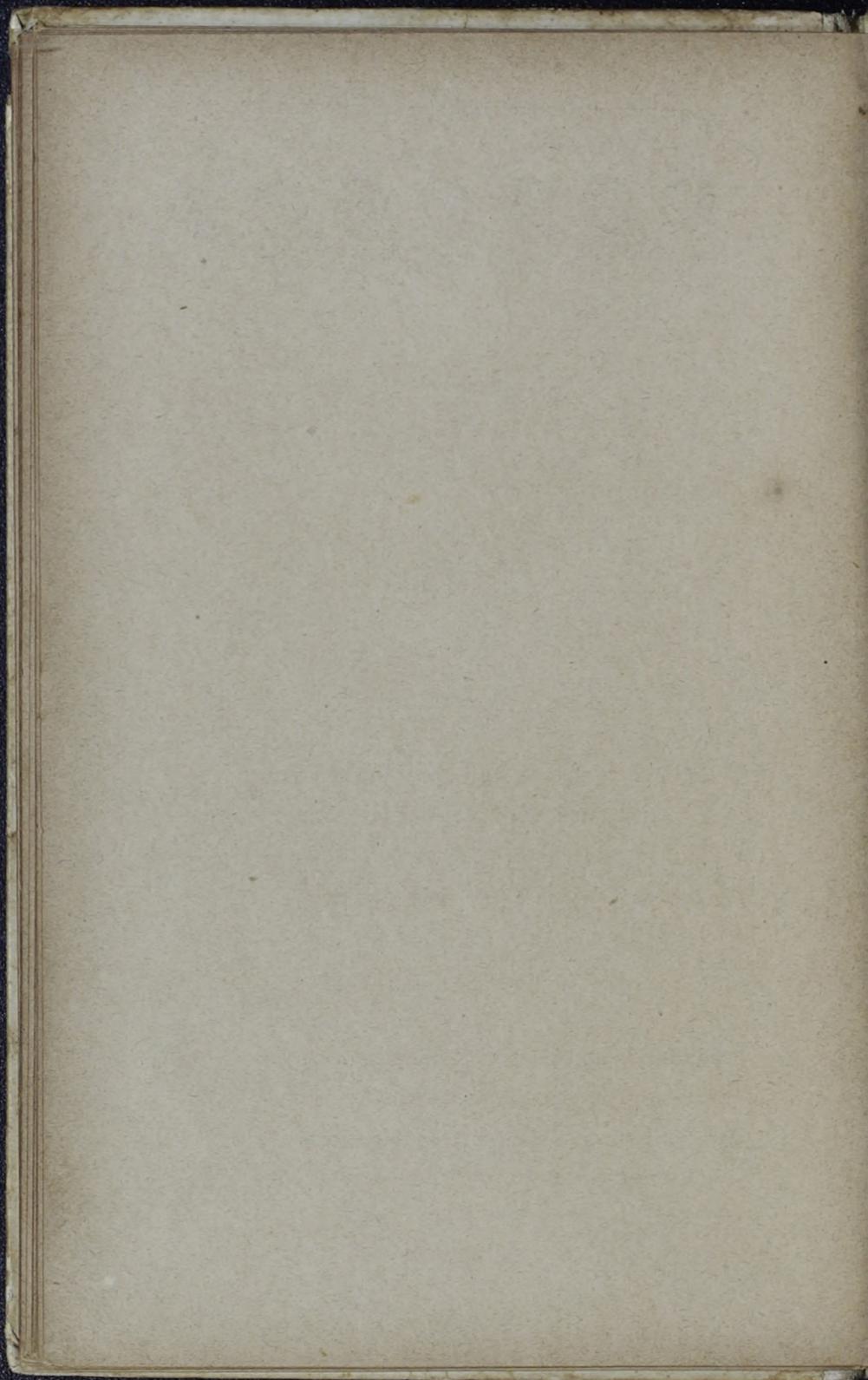


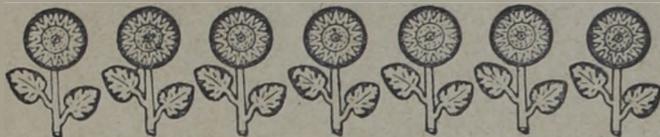
V

11. Anno sexcentissimo vitæ Noë,
mense secundo, septimodecimo die
mensis, rupti sunt omnes fontes
abyssi magnæ, & cataractæ cœli
apertæ sunt.

12. Et facta est pluvia super terram
quadraginta diebus & quadraginta
noctibus.

GENESIS, Cap. VII.





Ha muitos dias já, ha já bem longas noites,
Que o estalar dos bulhões e o atroar das torrentes,
Ribombam com furor, quaes rabidos açoites,
Ao crebro rutilar dos coriscos ardentes.

Pradarias, vergeis, hortos, vinhedos, mattos,
Tudo desappar'ceu ao rude desabar
Das constantes, hostis, raivosas cataractas,
Que fizeram da terra um grande e torvo mar.

A' flor do torvo mar, verde como as gangrenas,
Onde homens e leões boiam agonisantes,
Imprecando com furia e angustia, erguem-se apenas,
Quaes monstros collossaes as montanhas gigantes.

E' ahi que, ululando, os homens com as feras
Refugiar-se vão em tragicos cardumes ;
O mar sobe, o mar cresce, e os homens e as pantheras,
Crianças e reptis caminham para os cumes.

Os fortes, sem haver piedade que os subjeite,
Arremessam ao chão pobres velhos cançados,
E as mães largam crueis os filhinhos de leite,
Que os que seguem depois pisam hallucinados.

Um sinistro pavor, crescente e suffocante,
Desnor-tea, asphyxia a turba pertinaz :
Ouvem-se urros de dor, e os que vão adeante
Lançam pedras brutaes aos que ficam p'ra traz.

Raivoso, o toiro estripa os miseros humanos
Que o 'storvam, ao correr em fuga desnorçada,
E pelo ar tenebroso as aguias e os millhanos
Fogem com vivo horror d'aquella estropeada.

Cresce a treva infernal nos cavos horisontes,
O oceano sobe e muge em raivas cavernosas,
E as ondas, a trepar pelos visos dos montes,
Fazem de cada vez mil victimas chorosas !

Os negros vagalhões nos bosques mais cimeiros
Silvam e marram já com golpes iracundos ;
Resplendem raios mil em rutilos chuveiros,
E os corvos a grasnar desolham moribundos.

Blasphemias, maldições elevam-se á porfia,
Fustigado p'lo raio aumenta o furacão ;
Cada ruga do mar accusa uma agonia,
Cada bolha, ao estalar, solta uma imprecação.

Cresce o mar, sóbe o mar... e traga rudemente
Da mais alta montanha o pincaro nevado,
E um tremendo trovão applaude a vaga ardente
Que envolve, ao despenhar-se, o ultimo condemnado...

Cresce o mar, sóbe o mar, que já topeta os céos,
E levada p'lo fero e desabrido norte,
Sua espuma a ferver molha o rosto de Deus
Que lhe encontra um sabor nauseabundo de morte...

Cresce o mar, sóbe o mar... cada vaga é uma torre!
No céo, o proprio Deus melancholico pasma...
E pelos vagalhões acastellados corre
A Arca de Noé, qual navio-phantasma...



VI

4. Venite, faciamus nobis
civitatem, & turrim, cujus culmen
pertingat ad cœlum. . .

GENESIS, Cap. XI.

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"

Tombo N.o _____



Resurge a terra enfim ! O sol quente e arruivado
Beija-a com louco amor, qual moço namorado
Que, no auge do prazer, languidamente abraça
Sua noiva gentil, flor de innocencia e graça
Que desperta e sorri, no seu amado absorta,
Dentro do esquife branco em que ia como morta...
Como o sol a acarinha !

E ella, a terra amorosa,
Qu'rendo que o seu amigo a veja bem formosa,
A ataviar-se nem um só minuto perde :

Dos bosques musicaes cinge a pellucia verde,
Dos ondados trigaes cinge as sedas, nas tranças
Põe os lagos azues, negras saphiras mansas,
E aperta no pescoço os rios crystallinos,
Que são grandes rocaes dos diamantes mais finos . .
Viçosos, virginaes, meigos e encantadores,
Rebentam, sem cessar, seus sorrisos — as flores . . .
E em direcção do sol, lestos, chilreantes, suaves,
Sobem, sobem aos mil os seus beijos — as aves !

No cume do Ararat, onde aferrou a Arca,
Silencioso, Noé co'a funda vista abarca
O luminoso Céu, emquanto a sua gente
Prepara um holocausto . . .

O machado esplendente

Uma a uma derriba as victimas vendadas,
E na disforme pyra as chammas aloiradas
Crescem, azas de fogo, aereas, scintillantes,
Fazendo rechinar as carnes palpitantes
Cujo cheiro se evola entre alvacentos fumos . . .

Da aguia ao colibri, em recortados rumos,
Todas as aves, que Noé prendido havia,
Vão a voar, a voar co'a insensata alegria
Do ceguinho infeliz que um dia acorda a ver...

Fulge o Arco da Alliança!

O calmo entardecer,
Dos montes faz cair as sombras nas campinas...
Expiram do holocausto as brazas purpurinas...
E o virtuoso Noé, com passadas sonoras,
Levando atraz de si filhos, genros e noras,
Ao nascente clarão micante do luar
Desce o verde Ararat e vae p'ra Senaar...

Alguns annos depois, por noite d'aureo brilho,
A gente de Noé descamisava o milho
E cantava canções de graciosos remates
Vendo a lua a brincar no marulhante Euphrates
Quando um moço bradou :

*« Irmãos ! mais nos valera
« Que Deus nos não poupasse á colera severa
« Com que, ha pouco, puniu a triste humanidade !
« Meus irmãos pelo sangue e pela infelicidade !
« Mais nos valera, sim ! que do diluvio a sanha
« Tivesse posto um fim à esta dor tamanha,
« E que dos campos sobre a avelludada alfombra
« Nunca mais dos mortaes passasse a negra sombra ! »*

Ouvindo aquella voz cheia de maldições
Param subitamente os risos e as canções
E uma nuvem encobre o crescente da lua . .

Porém, como uma estatua, o moço continúa :

« *Pois diizei : não sentis dentro da vossa alma*
« *Uma ancia febril, ancia que nada acalma,*
« *E um cansaço da terra hedionda onde vivemos,*
« *Que nos pesa, cruel, muito embora a calquemos,*
« *Da terra que nos tem por 'scravos e captivos,*
« *Que nos bebe o suor emquanto somos vivos,*
« *E nos devora emfim, quando caímos mortos ?*

« *Diizei : quando, ao luar, pallidamente absortos,*
« *D'hervas verdes e flor's n'um perfumado leito,*
« *Fixaes o curvo azul, não vos magôa o peito*
« *A aguia qua lá 'stá presa, a aguia que delira,*
« *E que, tentando voar, bate as aças com ira ?*

« O' meus irmãos ! diizei : pois não tendes saudades
« Do Ceo, d'esse paiç^o de puras claridades,
« Onde, benigno, o sonho as nossas almas leva,
« E ao regressar do qual só respiramos treva?

« Diizei : não suspiraes por ir morar emfim
« D'esse paiç de luz nas tendas de marfim,
« Onde descantam, em maviosissimos coros,
« Entre fulgurações, os bellos Anjos loiros
« De quem, muitos de nós, somos talvez os netos ? »

Todos os corações pulsam doidos, inquietos :

As palavras do moço explicam finalmente
A mysteriosa angustia insomne e persistente
Que de longe trucida aquella multidão !
Mil gritos de amargura alçam-se ao céo então,

Gritos onde estremece a dor do desgraçado
A quem rebenta enfim o cancro esbrazeado,
Que, ha muitos mezes já o peito lhe comia !

Solemne, o moço diz com vibrante ousadia :

« Maldito seja Deus !

« Nossas fôrças unamos

« Com gigante vigor, irmãos ! e construamos

« Uma torre de tão prodigiosa altura,

« Que nos conduza ao Céu, que a noss'alma procura ! »

Um bravo furacão revolve as densas grenhas
Das mattas, e o trovão ribomba p'las montanhas . . .

*

Vendo que a torre hostile dos astros aproxima,
 E que a sombra, que ao sol produz, salta por cima
 Dos montes collossaes, iracundo, o Senhor
 Por terra a faz ruir com terrivel fragor !
 No auge da afflicção, os homens desvairados
 Deixam de se entender, e, tremulos, aos brados,
 Desatam a fugir em varias direcções . . .
 Mas breve, cada um, ao troar dos trovões,
 Sente a alma retomar seu adorado norte,
 E pensa em construir uma torre mais forte !

Coimbra,
 4 de agosto de 1897.

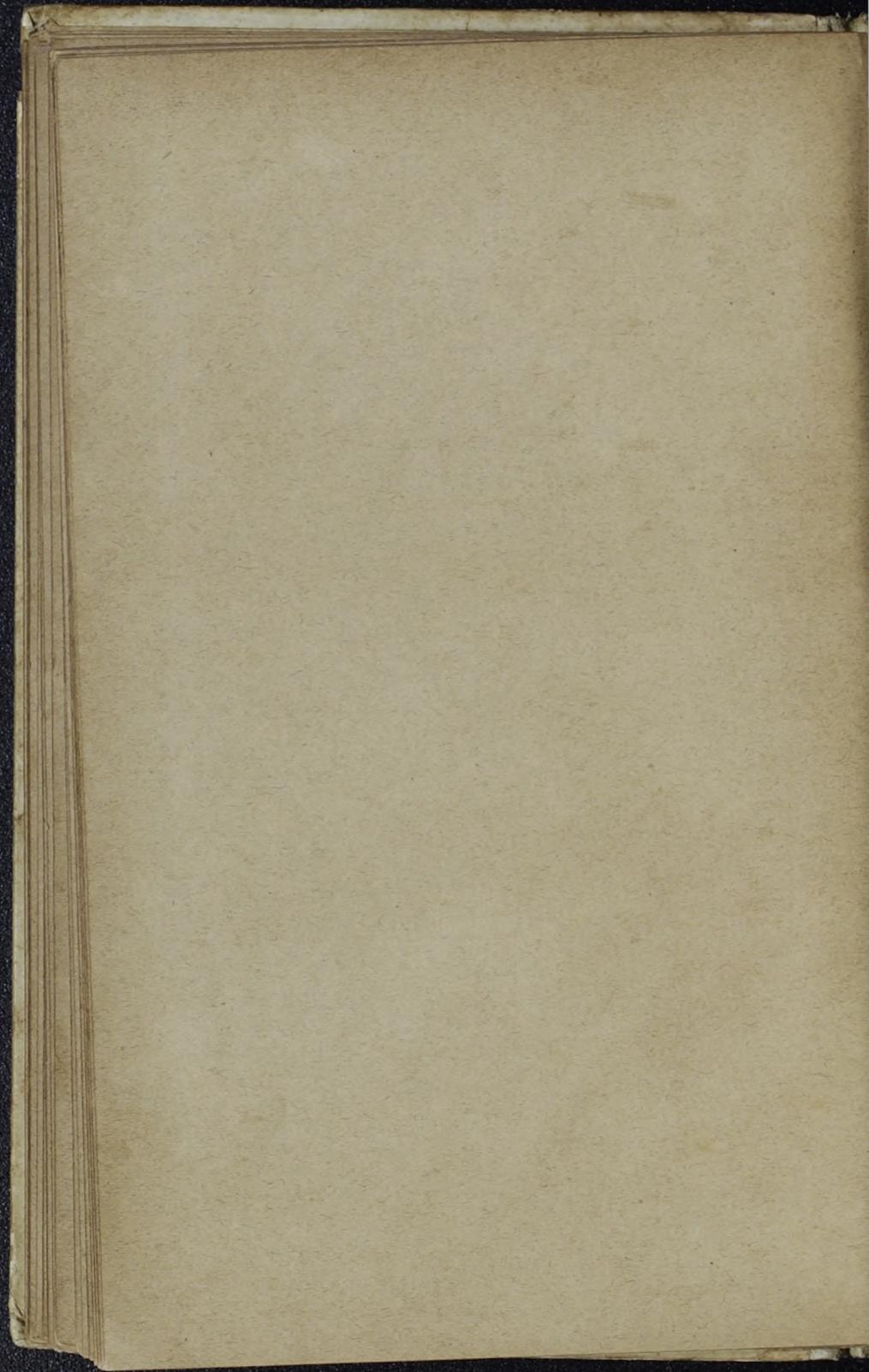
L. do
 13.1.22
 orig

9.9.78
 M

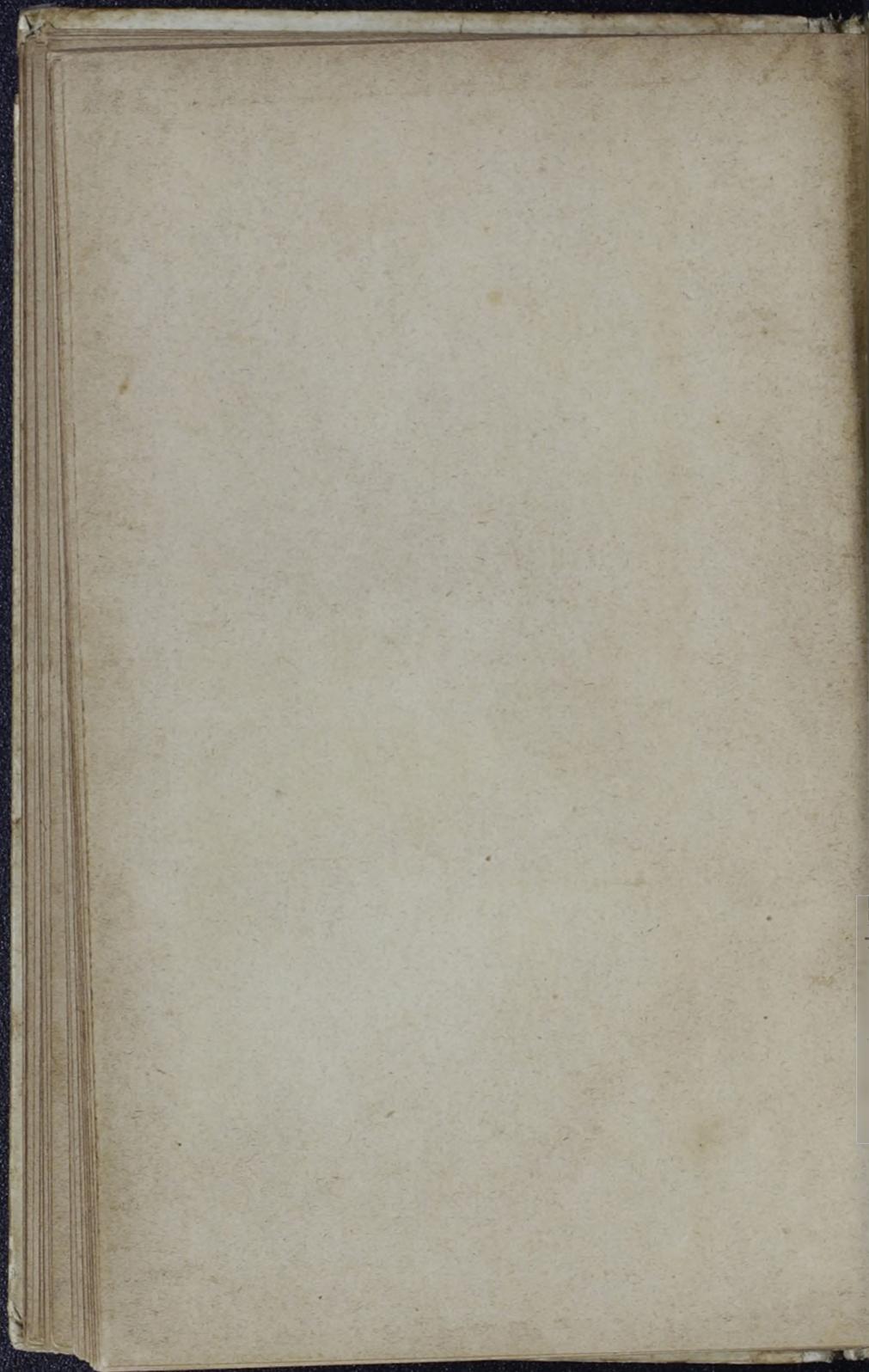


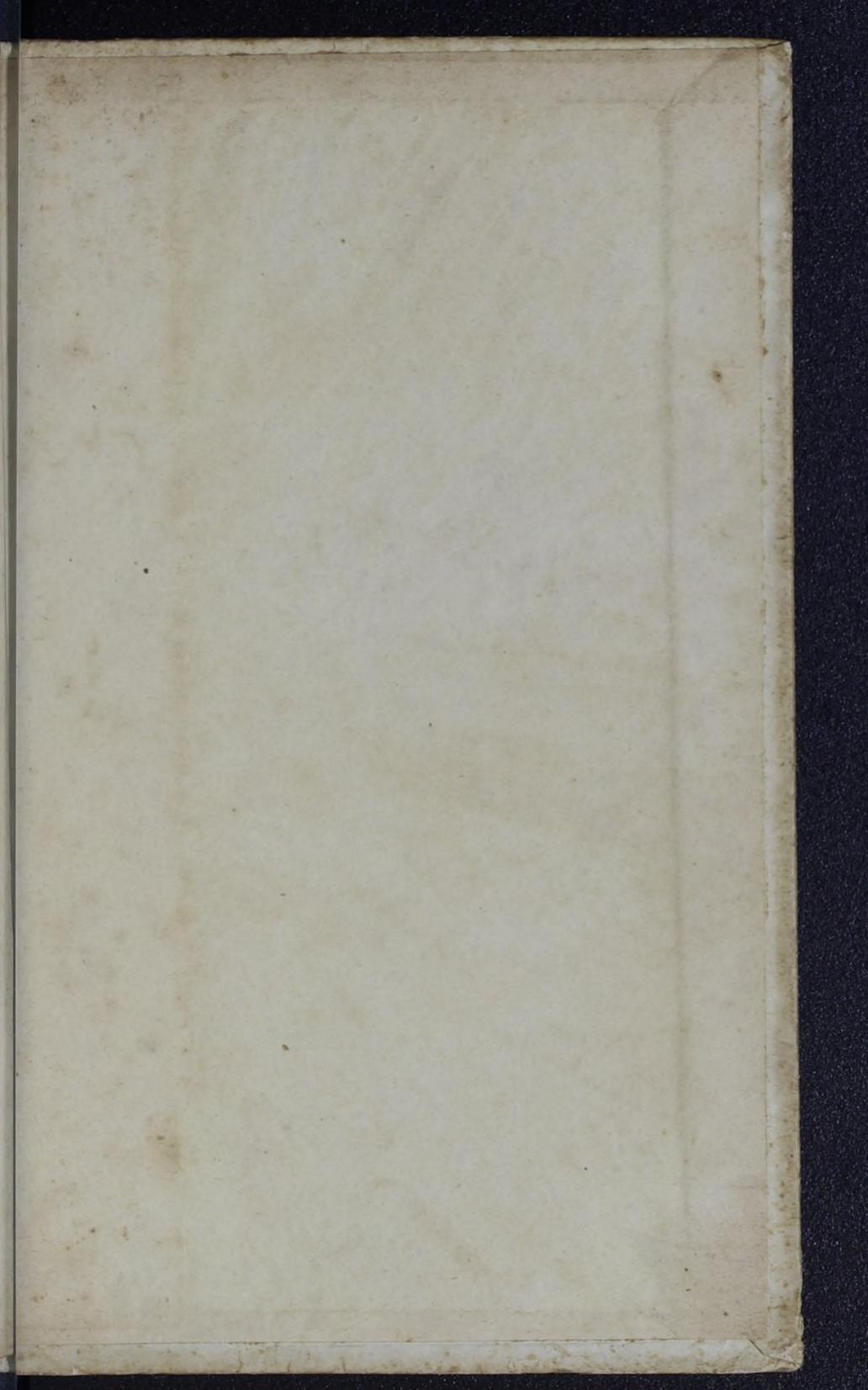
INDICE

	Pag.
Canto I	15
Canto II	21
Canto III	27
Canto IV	35
Canto V :	45
Canto VI	51



ACABOU DE IMPRIMIR-SE
ESTE POEMA AOS TRINTA
E UM DIAS DO MEZ DE
JANEIRO DO ANNO DE MIL
OITOCENTOS NOVENTA E
NOVE NA TYPOGRAPHIA
DE FRANCISCO FRANÇA
AMADO. EM COIMBRA.





F. Franca Amado

Livreiro-editor

OBRAS DE EUGENIO DE CASTRO

POESIA

<i>Oaristos</i> (1890). Esg. 1 vol.	600
<i>Horas</i> (1891). Esg. 1 vol.	600
<i>Sylva</i> (1894). 1 vol.	800
<i>Interlunio</i> (1894). 1 vol.	600
<i>Tiresias</i> (1895). Esg. 1 folh.	250
<i>Sagramor</i> (1895). 1 vol.	600
<i>Salomé e outros poemas</i> (1896). 1 vol.	500
<i>A Xereide de Harlem</i> (1896). 1 folh.	300
<i>O Rei Galaor</i> (1897) 1 vol.	400

NO PRELO :

Depois da ceifa. 1 vol.
Ignez de Castro. 1 vol.

PROSA

Belkiss (1894). 1 vol. 800

TRADUCCÕES

Belkiss, traduzione italiana di V. Pica (Milano, Fratelli Treves, 1896). 1 vol. Lire 3
Belkiss, traduction française par Ph. Lebesgue (sous presse). 1 vol.
Belkiss, traducción española por D. Luis Berisso, 2.^a edição, (Buenos Aires, F. Lajouane, 1899). 1 vol. 3 pesos